

2014

III ENCONTRO(S) CIDADANIA E RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

“Cidadania e Debate Competitivo”,
Doutorando Ary Ferreira da Cunha



Introdução

Os terceiros Encontros de Cidadania e Responsabilidade Socioambiental revelaram-se, neste ano, de uma abrangência enriquecedora, uma vez que os vários palestrantes propuseram percursos pedagógicos e abordagens de conteúdos subjacentes à construção de um mundo, em última análise, mais consciente e responsável.

Sabendo que o espaço escolar requer lideranças preparadas para enfrentar os desafios educativos que o presente e o futuro exigem, foi com curiosidade, interesse e vontade que me inscrevi nestes encontros, pois é cotejando outras visões do mundo e da participação humana que podemos discernir práticas de cidadania socioambiental que se manifestam conscientes e responsáveis em várias áreas do conhecimento.

Em três momentos diferentes, foi possível ouvir, discutir, questionar e seguir nove oradores que procuraram mostrar, de acordo com a sua área de saber, que a aprendizagem da cidadania e da responsabilidade socioambiental tem de ir para além do senso comum, sem todavia a complicar ou paradoxalmente a tornar hermética.

Todos eles souberam comunicar, chamar a nossa atenção na medida em que as suas iniciativas tiveram adesão do público. Cada um, à sua maneira, soube transmitir a sua mensagem que para nós docentes será motivo de novas abordagens em contexto de sala de aula, procurando mostrar aos alunos a actualidade do conhecimento, a pertinência da temática e a necessidade de construção de um mundo melhor sob este denominador. Qualquer uma das participações dos intervenientes poderia ser a base deste trabalho. Todavia, por razões objectivas foi necessário escolher apenas uma delas e, para o efeito, decidi inclinar-me (apesar de algumas hesitações) sobre a palestra “Cidadania e Debate Competitivo” ministrada pelo doutorando Ary Ferreira da Cunha, uma vez que, enquanto docente de Inglês, poderei explorar a nível do debate a participação no microcosmos que é a sala de aula como espaço privilegiado de exercício de uma cidadania ativa, interveniente que requer ser pronunciada na primeira pessoa.

Desenvolvimento

A escola é um espaço privilegiado de partilha, de esforço individual e colectivo na prossecução de objetivos delineados para as turmas com quem os professores trabalham quotidianamente. Por esta razão, muitos dos conteúdos do currículo são

secundarizados em prol de uma acção construtiva de identidade, que leve o aluno a conhecer-se, a desejar encontrar o seu caminho e a enraizar o seu futuro.

Neste contexto, as aulas de língua estrangeira como o Inglês são preponderantes na abordagem de um mundo actual, em constante mudança, em que se deve dar voz participante aos alunos para poderem falar, agir e escolher em consciência o lugar que querem ocupar e onde o querem fazer.

A abordagem de Ary Ferreira da Cunha encaixou, a meu ver, nestes propósitos apresentando “uma forma de aprender sem ensinar” ao relacionar os conceitos de cidadania e democracia, tornando-se óbvio que ambos cresceram graças à acção enriquecedora do debate. Citando Robert Dahl, o palestrante sublinhou a importância da participação efectiva das pessoas, o voto universal como forma de escolha democrática e plural, o discernimento como um modo de decisão individual e colectivo, para além da necessidade de controlar a agenda sociopolítica que determina a nossa sociedade. Nesta medida, falta acrescentar o sentimento de inclusão das pessoas que ao participarem ou se excluírem do debate põem em causa a sua acção na sociedade.

Por conseguinte, Ary Ferreira da Cunha chama a atenção para o debate competitivo tão presente no mundo (escolar) anglo-saxónico onde tem as suas raízes, como, por exemplo, o *Speaker's Corner* em Hyde Park (Londres) ou as competições entre escolas que privilegiam a construção de um argumentário em prol de uma ideia/tópico dado. Em Portugal, esta visão não tem expressividade apenas havendo um número reduzido de eventos que, se concentram sobretudo a nível universitário e que, a nível do ensino básico e secundário podemos encontrar na iniciativa *Parlamento dos Jovens*. Com esta iniciativa, os alunos do ensino básico e secundário podem aprender como se organizam eleições, o que significa o mandato parlamentar, como argumentar e defender as suas ideias e, acima de tudo, a importância de ouvir o outro e respeitar todas as opiniões.

No historial democrático anglo-saxónico, vemos que a educação, a cidadania e a responsabilidade andaram sempre interligadas numa construção de sociedade que muitos povos ainda hoje procuram reproduzir ou alcançar. Porém, a tarefa não é simples, não havendo nenhuma fórmula mágica para o efeito. O trabalho terá que ser desenvolvido de base, nas escolas, fazendo ver aos alunos a importância de se pronunciar adequada e argumentativamente sobre um dado assunto ou tópico. Assim, só poderão ser ouvidos com atenção se a sua voz não for errática e frouxa.

A forma como se fala em público processa-se não necessariamente de uma forma inata mas requer alguns conhecimentos e domínio de técnicas que enfatizam a transmissão de mensagens. Assim, preparar uma intervenção requer uma análise aprofundada da temática a expor, o encontro de exemplos que reproduzam e ilustrem o que se está a dizer, para além de estabelecer uma construção lógica assente num poderoso e eficaz argumentário. Deste modo, a comunicação persuade, focaliza e leva à adesão da audiência ou de um possível júri. Os sentimentos são explorados empaticamente aproximando interlocutores numa base de confiança. Em última análise, todos ganham, visto que ao que se envolverem nesta atividade melhoram os índices de autoconfiança (dos oradores) e “empowerment”, ou seja, aperfeiçoam a sua imagem perante si e perante os outros. Mais tarde, com uma experiência acumulada, estes alunos/ oradores tornar-se-ão vozes ativas, participantes e responsáveis na sociedade.

A este propósito, e parafraseando a docente e formadora de Inglês Cláudia de Sousa¹, a aprendizagem de uma língua estrangeira, em especial a competência da oralidade, pode assemelhar-se ao aprender a andar de bicicleta. Todos nos lembramos dos nossos temores iniciais, das vezes que caímos e das pessoas que nos ampararam e encorajaram a nunca desistir. Para muitos dos nossos alunos falar em público, falar em público numa língua estrangeira, é tão desafiante como se sentar numa bicicleta pela primeira vez. Terá de ser uma experiência que, forçosamente, precisa de um guia (neste caso o professor) que o conduza e que lhe garanta que, mesmo que caia, se engane, não pode desistir, dado que errar é também um sinal de progressão e crescimento.

A longo prazo, a prática assertiva de debates competitivos poderá ser um contributo importante e decisivo para o exercício da cidadania. Assim, a cidadania para as crianças e jovens começa não só em casa, mas sobretudo na sala de aula e na escola. As aulas de língua estrangeira, nomeadamente a de língua inglesa, podem melhorar os seus resultados internos e externos com a crescente valorização de momentos de “*speaking*” (interacção e produção oral) onde os alunos/ oradores possam preparar e ser confrontados na construção dos seus argumentos, uma vez que a vitalidade de uma língua passa pelo ato de falar.

Nos últimos anos, o Ministério da Educação tem vindo a valorizar a competência oral nas línguas estrangeiras, nomeadamente no Inglês, através da atribuição de uma percentagem na classificação final, tal como tem isso presente na realização quer de provas orais obrigatórias nas provas de equivalência à frequência, quer nos testes intermédios. As Metas Curriculares de Inglês para os 2.º e 3.º ciclos

refletem igualmente esta preocupação do Ministério da Educação, ao estarem organizadas por sete domínios de referência, sendo dois deles a interação e produção oral (*Spoken interaction and spoken production*).

Mais recentemente, o projeto *Key for Schools* reconhece a língua inglesa como língua franca, considerando-a uma ferramenta essencial na valorização académica, profissional, pessoal e social de cada indivíduo. Por conseguinte, o propósito de aplicar o teste *Key for Schools*, aos alunos do 9.º ano de escolaridade, permite comprovar que o aluno é capaz de usar a língua inglesa, em situações do dia a dia e de forma elementar, nos quatro domínios de proficiência linguística: compreensão da leitura e expressão escrita (*reading and writing*); compreensão do oral (*listening*) e produção oral (*speaking*). Mais uma vez, a competência da oralidade é destacada, levando a que muitos professores de Inglês fizessem formação específica como *speaking examiners* para a prossecução deste projeto, com a consequente e natural melhoria das suas práticas pedagógicas em sala de aula, em benefício dos alunos e de uma aprendizagem efetiva de uma língua viva.

Com efeito, o afeto e as emoções devem estar presentes na sala de aula para que haja, de facto, uma efectiva comunicação com e entre os alunos. Como consegui-lo? Por um lado, criando momentos e oportunidades motivantes para que os alunos interajam em Inglês; por outro lado, selecionando e utilizando materiais e estratégias adequadas que os levem a comunicar. Os alunos precisam de ser reconhecidos enquanto indivíduos que pensam e sentem, cujas experiências, conhecimentos, opiniões pessoais, medos, sonhos sejam valorizados e tidos em conta em momentos de interação e produção oral.

Conclusão

"Why Debate in Class?"

The process of debate allows participants to analyze the similarities and differences between differing viewpoints, so that the audience can understand where opinions diverge and why. Debate is also an excellent way to model the analytical and communicative processes that students are learning whenever they examine course material through oral or written work. We hope that in-class debates will challenge students to think critically about course material, and will provide a forum for them to develop the arts of expression that allow them to communicate their ideas.

Communication within the Curriculum,
The College of Arts and Sciences, The University of Pennsylvania

As palavras têm o dom de por as pessoas a comunicar. Nesta medida, é pelas palavras que fazemos caminho, crescemos, tomamos consciência de nós e dos outros e contribuímos para a construção de um mundo melhor.

Ary Ferreira da Cunha, nestes Encontros de Cidadania e Responsabilidade Socioambiental, deixou um desafio – repensar os atuais programas de formação nas escolas, apelando aos professores que criem nas suas escolas e na escola espaço para falar, pronunciar-se, discutir, argumentar, contraargumentar, enfim, dar a palavra às crianças e jovens para que criem a sua voz, assumindo o mundo que querem criar.

De todas as palestras, a Cidadania e o Debate Competitivo foi aquela que, de uma forma simples, chamou a atenção para a participação de cada um tanto no seu espaço local como na sociedade global, dependendo apenas da consistência e da forma como nos pronunciamos.

Se nem todos temos o dom da palavra, o silêncio pode tornar-nos cidadãos omissos e passivos. Por conseguinte, devemos vencer os medos e trabalhar para que a palavra se torne discurso, argumento e, por fim, decisão. A este propósito ocorre-me citar um filme recente, “The King’s Speech” (2010), em que ao assumir o trono, Jorge VI se vê forçado a lidar com o seu *handicap*, que o diminui:

If I'm King, where's my power? Can I form a government? Can I levy a tax, declare a war? No! And yet I am the seat of all authority. Why? Because the nation believes that when I speak, I speak for them. But I can't speak.

Com a ajuda de um terapeuta, o Rei aprende a encontrar a sua voz, e com ela, liderar o seu povo. Um belo repto para todos nós.

Referências bibliográficas

¹Cláudia de Sousa, “How can Alice succeed in speaking English, after learning how to ride her bicycle?”, in *English Digital* (2010).